

## CONSCIÊNCIA NACIONAL

Miguel Reale

Não é apenas no plano político que o Brasil está dando sinais incontestes de maturidade, revelada pela autoconsciência de seus problemas e, por conseguinte, do próprio destino, o que lhe confere forças para superar com segurança as maiores adversidades.

A vida de um povo é tecida com os mais conflitantes episódios, desde glórias militares a criações originais no plano das artes e das ciências, mas são as grandes tragédias individuais que vão promovendo a unidade afetiva da Nação, ao longo do tempo, como os suplícios de Tiradentes e Frei Caneca, a prisão do Padre Feijó em sua cadeira de rodas, o suicídio de Getúlio Vargas e, já agora, o drama de Tancredo, cujo valor pessoal, o presidente da Itália, Sandro Pertini, sintetizou numa só palavra: "sabedoria".

Como não alimento a sinistrose dos anunciadores do caos, que, segundo seus falhos vaticínios, resultaria do pleno exercício dos poderes constitucionais por José Sarney, cuja posse plena foi assegurada em momento decisivo de nossa história, vou, hoje, fazer uma pausa em meus pronunciamentos jurídicos e políticos para pôr em relevo o significado de um movimento que, em poucos anos, se entranhou no processo da cultura brasileira, alterando-o de maneira substancial.

Lembro-me que, quando em 1949 levantei a bandeira do Instituto Brasileiro de Filosofia, não só para completar as atividades filosóficas universitárias, mas para promover, dentro e fora das universidades, uma atitude mais ligada às nossas peculiares circunstâncias, houve, em certos círculos, um sorriso de mofa, e fomos apelidados de "filosofantes"... O que se negava, em última análise, era a capacidade da gente brasileira de pensar por si mesma, irremediavelmente fadada a remoer o pensado alhures, com apuro metodológico ou acadêmico, mas sem o risco inerente ao pensamento próprio, em contato natural com as produções européias ou norte-americanas, mas num diálogo consciente de nosso poder criador. Houve mesmo quem repetisse, como verdade assente, que "o brasileiro não tem bossa para a Filosofia"...

Já agora, quem folhear as páginas dos 137 fascículos trimestrais da **Revista Brasileira de Filosofia** e examinar dezenas de teses e monografias, escritos por pensadores nacionais, em todos os domínios da Filosofia, desde a Lógica Matemática até a Metafísica, constatará que os

“filosofantes” souberam se impor nos quadrantes de nossa cultura. Um dos empenhos maiores do Instituto foi a reconstituição de nosso passado mental, com a reedição de obras de nossos pensadores mais significativos, dedicando-lhes análises especiais. A coletânea intitulada pelo nosso saudoso companheiro Luís Washington Vita de **Estante do Pensamento Brasileiro**, além de outras iniciativas similares, atesta o novo interesse que temos pelas nossas coisas.

Nada mais necessário do que essa tomada de consciência dos valores nacionais, não se escrevendo mais **contra** ou **a favor** de Tobias Barreto ou Farias Brito, mas **sobre** o sentido de sua obra, buscando-se identificar algo de próprio mesmo no ato ou na maneira de serem influenciados por filósofos alienígenas, bem como no papel que as teorias estrangeiras passaram a desempenhar no contexto de nossa cultura. Alterado o enfoque crítico, houve surpreendentes descobertas, como a desse atormentado mestiço germanizado que foi Tobias Barreto, enaltecendo a tarefa da cultura como “a arte de ajeitar o rústico da natureza”, e isto, significativamente, no Nordeste, onde a natureza, no dizer penetrante, de José Américo de Almeida, é menos mãe do que madrastra.

Por outro lado, foi vencida outra penosa batalha, no sentido de inserir-se a Filosofia no Brasil ( e por que não Filosofia Brasileira ? ) nos nossos currículos universitários, não obstante a resistência daqueles que, plantados em seu academismo tradicional, só consideram válidos os estudos dedicados a Santo Tomás, Hegel ou Marx. Felizmente, libertamo-nos dessa alienação teórica, cuidando de nossas próprias experiências em cotejo com o processo das idéias universais, sem o “provincianismo” europeu ( e sobretudo francês ) que olha do alto para baixo as contribuições filosóficas oriundas da América Latina. Ainda agora, a editora “Presses Universitaires de France”, editando o seu amplo e magnífico **Dictionnaire des Philosophes**, incorre nessa discriminação cultural imperdoável, cortando e reduzindo a valer os verbetes que Antônio Paim e eu dedicamos, a pedido do ilustre prof. Denis Huisman, aos filósofos brasileiros. O resultado é que no referido dicionário, cujos méritos são irrecusáveis, foram alijados, sumariamente, nomes como os de Farias Brito, Alceu Amoroso Lima e Vicente Ferreira da Silva Filho e muitos outros. Como no **Dictionnaire** figuro como colaborador responsável da parte brasileira, ressalvo, incontinenti, que nada tenho a ver com essa mutilação lamentável.

Voltando, porém, ao objetivo essencial deste artigo, saliento que, atualmente, o estudo do pensamento brasileiro figura no currículo da maioria das universidades pátrias, havendo cursos de pós-graduação sobre o assunto, por exemplo, na Universidade Federal de Juiz de Fora ou na Gama Filho, do Rio de Janeiro.

Para demonstrar até que ponto a nova idéia se espraia e vivifica não posso deixar de referir-me a três realizações altamente significativas. Em primeiro lugar, deve ser assinalada a iniciativa de Antônio Paim, com seus dedicados companheiros baianos, os quais, contando com a colaboração preciosa do governo do Estado e de cultos empresários da terra de Rui Barbosa, fundaram no Pelourinho, o **Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro**, que já possui uma biblioteca especializada com mais de 5.000 títulos, além das coleções de periódicos, somente sobre nossos problemas filosóficos e culturais. Esse Centro já publicou dois volumes organizados por Antônio Paim, da obra **Bibliografia Filosófica Brasileira**, o primeiro abrangendo o período de 1808 a 1930, e o segundo que compreende os trabalhos publicados de 1931 a 1980.

Nessa mesma ordem de idéias, lembro os dois tomos preciosos organizados por Geraldo Pinheiro Machado na PUC de São Paulo, num livro cujo título diz tudo: **1.000 títulos de autores brasileiros de Filosofia**, sendo o 1º volume dedicado a livros e capítulos de livros, e o segundo a artigos de periódicos.

Eis aí contribuições inestimáveis, a da Bahia e a de São Paulo, que vêm juntar-se a várias revistas universitárias especializadas em diversos campos filosóficos, além das páginas reservadas à Filosofia em quase todas as publicações oficiais de nossas universidades.

Por fim, desejo referir-me ao convênio que acaba de ser firmado entre o Instituto Brasileiro de Filosofia e a Fundação Armando Álvares Penteado para dinamizar a **Revista Brasileira de Filosofia** com a criação na Capital paulista, de um Instituto Brasileiro de Altos Estudos.

Eis aí como, no meio da crise afetiva, social, econômica e financeira que nos assoberba, encontramos força para transcender as dificuldades presentes, afirmando, em todos os domínios do espírito, a confiança que, apesar de tudo, o Brasil tem em si mesmo.

( Folha de S. Paulo, 21-4-1985 ).